



ENCONTRO
INTERNACIONAL
FRONTEIRAS E
IDENTIDADES

**DE PRINCESA DO SUL A SATOLEP:
AS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE UMA CIDADE IMAGINADA**

Simone Xavier Moreira¹

RESUMO: Este estudo, apresentado inicialmente ao Programa de Pós-Graduação em Letras - Especialização em Linguística Aplicada da Universidade Federal de Pelotas, pretende refletir – dentro da perspectiva de uma Linguística Aplicada Indisciplinar e Crítica – sobre a maneira como os discursos, como práticas de significação, constituem o imaginário coletivo da cidade de Pelotas, de cidades imaginadas que ultrapassam a ficção e passam a ocupar, a partir da identificação cultural, a imagem que as pessoas têm da cidade e de si mesmas. A fim de desenvolver esta reflexão e explicitar esse processo, são analisados alguns dos discursos que concorreram para a formação e para a emergência dos termos Princesa do Sul e Satolep, originados nas obras Pelotas, “Que bela manhã fagueira e risonha”, de Alibabá (pseudônimo de um colaborador desconhecido do jornal *O Brado do Sul*, em 1860) e Satolep, de Vitor Ramil, para, finalmente, discutir de que maneira essas duas formações discursivas travam lutas no sentido de definir identidades para a cidade de Pelotas.

Considerações iniciais

Este estudo pretende refletir sobre a maneira como os discursos, como práticas de significação, constituem o imaginário coletivo da cidade de Pelotas. Para tanto, foram analisados alguns dos discursos que concorreram para a formação e para a emergência dos termos Princesa do Sul e Satolep, utilizados para representar a cidade nas obras *Pelotas*, de Antônio Soares da Silva e *Satolep*, de Vitor Ramil.

A estratégia a qual essa análise propõe-se é a de confrontar as recorrências aos referidos termos enquanto discursos, buscando compreender as condições de possibilidade de sua leitura e interpretação pelos indivíduos. Desse modo, faz-se necessário um resgate da origem e trajetória desses discursos e dos enunciados dos documentos oficiais, os quais possibilitam a instauração de determinadas regras na cidade de Pelotas, já que segundo Michel Foucault (2007) é indispensável estabelecer a relação dos discursos com o conjunto de regras que os constituem como objetos. Essas regras, por sua vez, devem-se ao sistema

¹ Universidade Federal de Santa Maria. Doutoranda em Letras. E-mail: simonexmoreira@gmail.com



globalizado, onde os novos modos de produção e o desejo de poder governam as coisas e as pessoas através do dispositivo da governamentalidade².

Busca-se compreender os discursos perpetuados como manifestação de significações produzidas em circunstâncias sociais comuns, como subjetivações provocadas pelos discursos oficiais, que detém o saber e o poder e determinam o que deve ser aceito, repetido e transmitido. Por enunciado, para efeito dessa pesquisa, serão compreendidos os discursos produzidos a partir dos termos Princesa do Sul e Satolep e o ato de quem os proferiu.

A análise dos dados assume a perspectiva da análise dos discursos de Foucault, na qual o discurso constitui os objetos de que fala e, conseqüentemente, significa e subjetiva. Logo, inicia-se um resgate dos referidos termos, tendo por ponto de partida, obedecendo a ordem cronológica da origem de ambos, a expressão Princesa do Sul.

Uma cidade imaginada

Ao longo dos séculos XIX e XX diversos foram os títulos – que denotam nobreza e imponência – atribuídos a Pelotas, como Atenas do Sul, Atenas sul-rio-grandense, Capital cultural do Rio Grande e Princesa do Sul. No entanto, foi essa última expressão que se popularizou e tornou-se o título oficial da cidade.

As versões para a origem da expressão Princesa do Sul são diversas. De acordo com Euclides Franco de Castro, editor da *Revista Princesa do Sul* (1951), com a *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, editada pelo IBGE (1959) e com o material didático *Pelotas: sua História e sua gente*, elaborado por Zenia de León (1996), foi devido à publicação, em São Paulo, no ano de 1863, da poesia *Pelotas*, de Antônio Soares da Silva, que tal título foi atribuído à cidade. Assim, “após a publicação e conhecimento dos pelotenses, tornou-se corrente a expressão e o título foi incluído no brasão da cidade, elaborado em 1961, em razão dos 150 anos de Pelotas” (León, 1996, p. 14). Na última estrofe do poema de Silva encontram-se os versos: “Ó sílfide aérea, Indiana das várzeas/ Que os pampas adoram vestida de azul,/ A Pátria orgulhosa de tantos primores/ Te aclama Princesa dos Campos do Sul” (Silva, 1863 In: IBGE, 1959, p. 40).

² Foucault difere três tipos de governamentalidade: o governo de si mesmo, a arte de governar e uma “ciência de bem governar” o Estado. Cf. Foucault, 1996.

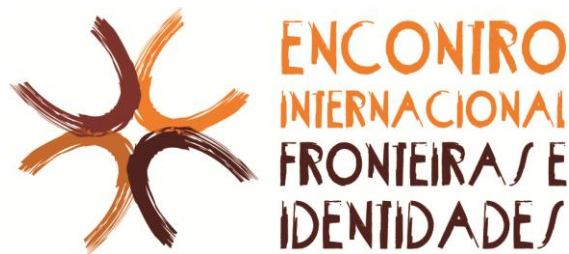


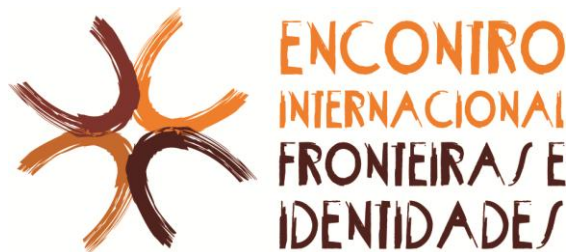
Figura 1: Brasão da cidade de Pelotas.
Fonte: <http://www.pelotas.rs.gov.br/>

Percebe-se, portanto, que León, assim como as demais fontes citadas, ignorava a existência da poesia publicada no jornal pelotense *O Brado do Sul* de janeiro de 1860, logo, três anos antes da publicação da poesia de Silva.

Em uma referência direta e objetiva a Pelotas como a Princesa do Sul, como se pode observar, o autor, sob o codinome “Alibabá”, dirige-se à cidade de modo carinhoso e saudoso: Que bela manhã fagueira e risonha/ Offereces, oh tu *princesa do Sul*! Tuas bellas campinas, teu todo m'encantam./ É gentil o teu céu, é gentil seu azul! (*O Brado do Sul*, 6 jan. 1860, p. 1, grifo meu). Tal poesia, embora registre a mais antiga referência impressa do termo Princesa do Sul, permanece ignorada pela expressiva maioria dos pelotenses, inclusive pesquisadores da história da cidade, diferentemente da *Pelotas*, de Antônio Soares da Silva, aclamada erroneamente como a origem do título ao longo dos anos.

Na poesia de Soares da Silva, produzida claramente sob influência estética do movimento romântico, é latente a intenção do autor de valorizar as belezas naturais de Pelotas, através da comparação desta com uma moça bonita, sentada “a margem de um rio orgulhoso” (v.7) a admirar-se; tão bela e sedutora que merece ser comparada a uma princesa delicada e encantadora, a qual contrasta com o “rude pampeiro” (v.5).

A versão de que tenha sido Antônio Soares da Silva o primeiro a referir-se a Pelotas como a Princesa do Sul foi inúmeras vezes questionada por Mario Osório Magalhães (1993; 2012) que, também desconhecendo a existência da poesia de 1860, preocupou-se em discutir se a obra de Soares da Silva deu origem ao termo, ou se o termo inspirou a poesia de Soares da Silva. Segundo a opinião desse professor, a poesia de Silva tem a primazia apenas por ser a primeira vez em que tal expressão foi impressa, tão logo já fosse comum entre a população (no que tinha razão). Embora não apresente nenhum dado capaz de refutar tal informação, Magalhães afirma: “segundo entendo, a palavra [sic] Princesa do Sul surgiu espontaneamente,



e foi adotada pela comunidade, na segunda metade do século 19, incorporando-se desde cedo ao imaginário pelotense” (Magalhães, 2012, *online*). Mesmo tendo sua origem envolvida em versões controversas, o certo é que a expressão ganhou força e ainda é amplamente recorrida para referir à cidade de Pelotas.

Magalhães (1993, p. 106-107) explicita que o apelido da cidade ganhou grande popularidade na década de 1880 ao ponto de ser utilizado como nome para um bazar e tema carnavalesco, em 1882. Uma edição do periódico *A Ventarola*, de 1889, traz a ilustração de uma rivalidade existente entre as cidades vizinhas de Rio Grande e Pelotas, na qual Pelotas é personificada na figura de uma moça e identificada como “Princesa do Sul”.

Nas vésperas de 1922, devido às comemorações do primeiro centenário da Independência, Fernando Luís Osório Filho foi incumbido de escrever “um trabalho retrospectivo da contribuição de Pelotas à obra comum de integração da grande nação livre que surgiu na América e nos palcos do mundo pelo rompimento dos laços políticos que a uniam à mãe-pátria” (Lopes, 1962. In: Osório, 1997, p. 9). No preâmbulo de sua obra, Osório enaltece a Princesa do Sul: “Radiante Pelotas, dona gentil do cognome de “Princesa do Sul”, ninho do primeiro monumento republicano no país consagrado à República! Se é verdade que o forasteiro penetra no coração do Rio Grande quando chega a Pelotas, é porque ‘Deus, ao fazer esta terra, decerto sorria!’” (Osório, 1997, p. 16). Esse fragmento é bastante representativo do tom narrativo empregado na construção discursiva que, ao longo das décadas, foi dando forma ao imaginário da população pelotense.

Narrativas como essas ganham a credibilidade dos leitores quando apresentadas junto aos registros históricos que comprovam sua efervescência econômica, durante as décadas de 1860 a 1890. No início do século XIX, as elites econômica, política e intelectual uniram-se para estabelecer linhas objetivas para a constituição da imagem de uma cidade emergente culturalmente. Nesse contexto, o termo Princesa do Sul adquiriu força e popularidade, servindo, como se diz atualmente, como *slogan* para uma campanha publicitária.

Essa visão de uma Pelotas imponente, culta e rica é legitimada pela população. Mesmo as pessoas que vivem na mais completa miséria encontram pontos de identificação com a Princesa do Sul e têm orgulho de sua riqueza, dos seus monumentos, de sua “cultura”.

Em Pelotas, Princesa do Sul é o nome do Rotary Club da cidade, do Grande Prêmio de turfe da região Sul do estado, de um hotel e dois pensionatos, de um Departamento de



Tradições Gaúchas, de uma empresa de transporte urbano, de um edifício comercial, de uma Sociedade Educacional, entre outros.



Figura 2: Brasão do Departamento de Tradições Gaúchas Princesa do Sul.
Fonte: <http://familiaprincesa.flogbrasil.terra.com.br/foto17245710.html>



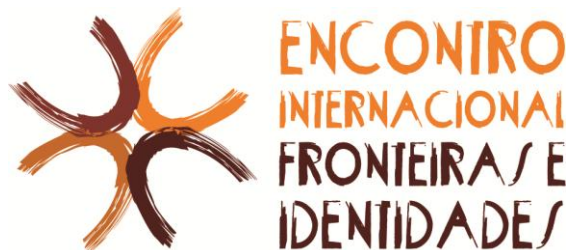
**Rotary Club de Pelotas
Princesa do Sul**

Figura 3: Logo do Rotary Club de Pelotas.
Fonte:
<http://rotaryprincesadosul.blogspot.com.br/>



Figura 4: Cartaz do Grande Prêmio Princesa do Sul.
Fonte: <http://jcdepelotas.blogspot.com.br/2011/03/convite-para-o-gp-princesa-do-sul.html>

Nas três imagens supracitadas, temos exemplos de instituições que trazem em si marcas de sua identidade enquanto agremiações. Os Departamentos de Tradição Gaúcha, órgãos ligados diretamente ao Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), são espaços de promoção e memória da cultura gaúcha, de vivência de costumes e práticas, no intuito de preservar a tradição e a identidade desse tipo social sul-rio-grandense. O Rotary Club, instituição internacional, é uma sociedade formada fundamentalmente por comerciantes, profissionais liberais, em maioria homens, adultos, pais de família, de classe média alta, com o objetivo de praticar a filantropia e o trabalho comunitário. Em seu estudo sobre a história dos rotarays no Brasil, baseada no conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu, a pesquisadora Maria da Graça Setton (2004, p. 89) questiona serem estes realmente "clubes de serviço ou 'clubes de capital social e capital simbólico'".



O turfe é um esporte originado na Inglaterra, por volta do século XVII, baseado nas corridas entre cavalos. O Jockey Club de Pelotas foi fundado em 1930 e, mas desde ao longo do século XIX, as corridas de cavalos e os espetáculos de cavalcadas já eram atividades significativamente prestigiadas pela burguesia pelotense. Principal atividade do jockey pelotense, o Grande Prêmio Princesa do Sul reúne competidores de todo o Brasil e de países vizinhos (Koslowsky; Piccoli, 2003).

Como se pode notar, são instituições ligadas a um grupo de potencial aquisitivo elevado e preocupado com a manutenção de tradições que adotam o termo Princesa do Sul como título próprio. Como afirma Foucault (2007, p. 35), "é sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma 'polícia' discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos". Essas reflexões do filósofo nos alertam para observar o lugar de cada um na cadeia discursiva, compreendendo que uma categoria de enunciados é determinada por regras que especificam os seus domínios e o uso que delas pode ser feito.

Nesse sentido, o termo também é recorrido com frequência por estudiosos da História da cidade e por pesquisadores locais em título de livros, trabalhos de conclusão de cursos e artigos que se desenvolvem em uma linha mais positivista de compreensão da história, como um substitutivo estabelecido formalmente para o termo Pelotas. Também artistas locais como Madu Lopes, Joca Martins, Rodrigo Bauer, João Marcos Martins, Kleiton e Kledir, entre tantos outros, recorreram ao apelido como uma forma carinhosa de homenagear a cidade: "Terra de todos meus sonhos/ Princesa do Sul bonita,/ O meu amor não tem fim,/ Como uma rua infinita./ Pelotas minha cidade/ Lugar onde eu nasci,/ Ando nos braços do mundo,/Mas sempre volto pra ti!" (Kleiton; Kledir, 2009, f. 7).

Em oposição a essa imagem, apresenta-se uma cidade fantasma, úmida e fria: Satolep. É muito provável que a primeira referência registrada desse termo tenha sido feita por Vitor Ramil, no álbum *A paixão de V segundo ele próprio*, em 1984, através de duas músicas: *Satolep* e outra que recebeu o mesmo nome do álbum.

Sinto hoje em Satolep/ O que há muito não sentia/ O limiar da verdade/ Roçando na face nua./ [...]/ Muito antes das charqueadas/ Da invasão de Zeca Netto/ Eu existo em Satolep E nela serei pra sempre/ O nome de cada pedra/ E as luzes perdidas na neblina/ Quem viver verá que estou ali (Ramil, 1984a, f. 1).



Mais do que uma construção ficcional, Satolep é um refúgio autoficcional do artista, no qual ele fala de sua família, de suas angústias, de sua relação afetiva com a cidade. Tal relação vai sendo apresentada ao longo dos anos, como uma reflexão que Vitor desenvolve partindo de um contraste entre suas vivências em outras regiões do país e da lembrança de sua infância em Pelotas. Em *A paixão de V segundo ele próprio*, encontramos os versos: “Depois as fachadas/ Dos velhos sobrados/ No cristal do dia/ O dia de Satolep” (Ramil, 1984b, f. 20). Neles, Ramil destaca traços da arquitetura, elemento tão valorizado em Pelotas por ser portadora de prédios imponentes, guardiões de história, provas físicas do auge em tempos remotos, que ocupam um local de destaque na composição imaginária da cidade.

Posteriormente, a referência à cidade ficcional Satolep fez-se presente em outros álbuns e obras literárias do compositor, como é o caso de *Joquin (Tango, 1987)*, no qual elementos da história da cidade são misturados à ficção e à narração da história de Joaquim Fonseca. Na primeira estrofe da música, transcrita de *Joey*, de Bob Dylan, Ramil canta: “Satolep noite/ No meio de uma guerra civil/ O luar na janela/ Não deixava a baronesa dormir/ A voz da voz de Caruso/ Ecoava no teatro vazio/ Aqui nessa hora é que ele nasceu/ Segundo o que contaram pra mim” (Ramil, 1987, f. 4). Nesse tom Ramil conta uma versão musicada da história do pelotense que ficou conhecido por sua persistência e habilidade em mecânica e aeronáutica, criador de um dos primeiros aviões produzidos no país.

Além das músicas, também a literatura deu existência a Satolep. Em 1999, Ramil publica *Pequod*, uma novela na qual o autor traz presente lembranças de sua infância, de suas viagens pelos cenários do extremo sul e pelo Uruguai, através da história de três gerações de uma família, narrada por um menino: “Montevideo não se adequaria tanto a Ahab na idade adulta como a úmida Satolep, cujos nomes das ruas, a história dos prédios, a localização das praças e o nome científico de todas as árvores ele conhecia” (Ramil, 1999, p.37).

Mas foi em *A Estética do frio* (1992) que Ramil desenvolveu uma reflexão acerca de sua própria produção, assim como de sua identidade enquanto gaúcho. A obra apresenta uma reflexão entre estética musical e cultura popular a partir da paisagem pampeana, tipicamente rio-platense. Ramil, sentindo-se estrangeiro no centro do país, compreende que o Rio Grande do Sul não está à parte da história e da cultura brasileira, está no centro de uma outra história e constitui-se assim a partir de inúmeros fatores, dentre eles, os climáticos e geográficos.



ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES

Boto na memória, desligo o computador e vou outra vez até a janela. Limpo o vidro, olho para a rua. No fundo, isso tudo é apenas o que o meu olho inventa: Satolep. No tabuleiro rigoroso dessas ruas e na arquitetura minuciosa desses prédios a vida contemporânea explode em sua diversidade. Quando a noite chega, mil outras vezes a explosão se espalha em coisas que a cidade sonha. E a neblina desce e se instala (Ramil, 2004, *online*).

Para consolidar irremediavelmente o termo, Ramil publica, em 2008, *Satolep*, obra na qual são resgatados os elementos representados nas obras anteriores, de maneira que a realidade mistura-se à ficção, na construção do espaço: “A umidade de Satolep é a maior do mundo. Nela João Simões Lopes Neto viu as faces possíveis da M'boitató em cruzeiros de esquinas iluminadas” (Ramil, 2008). Mais do que uma obra literária, *Satolep* é um exercício de reflexão sobre o fazer artístico, no qual o escritor, além de desenvolver na prática as reflexões apresentadas em *A estética do frio*, também resgata a memória patrimonial da cidade – seus traços arquitetônicos, seus poetas. Assim, ao longo da produção artística de Vitor Ramil, um público foi identificando-se com a cidade ficcional e se apropriando dessa ideia, de forma que a expressão ganhou popularidade.

Todavia, não foi só a recorrência de seu criador que garantiu a sobrevivência de Satolep. Durante a década de 1990, uma casa noturna, notoriamente voltada a um público que buscava uma alternativa aos bares e casas de show que acompanhavam a proposta midiática, foi inaugurada e batizada com o nome Satolep. Não sobreviveu muito tempo fiel à proposta original, adaptou-se ao mercado e fechou. Por volta de 2009, uma segunda tentativa. Outro grupo, outro contexto histórico, mas o mesmo objetivo leva à existência do Galpão Satolep, que reúne um público bastante diverso daquele que costuma frequentar as principais casas noturnas pelotenses.



Figuras 6 e 7: Cartazes de festas promovidas no Galpão Satolep (fonte: <http://migre.me/bFAKg>)



As atividades realizadas nesse espaço fazem parte da proposta do Coletivo Satolep, que se propõe a trabalhar pela organização, desenvolvimento e qualificação da música independente na cidade. Segundo informações obtidas no seu *site*, o coletivo “procura estabelecer uma interlocução e articulação com diferentes agentes culturais de maneira a impulsionar a formação de público e profissionalização dos agentes. O coletivo também é um dos agentes envolvidos no debate e problematização da importância de uma lei municipal de incentivo à cultura no município” (Satolep..., *online*).



Figura 8: Logo da Produtora Satolep Circus
Fonte: <http://satolepcircus.blogspot.com.br/>

Uma das ações da produtora, que vem ganhando certa visibilidade, é o Festival Satolep Circus. A proposta desse evento é colocar Pelotas na rota nacional dos festivais de música e cultura independentes.

Para isso, a programação conta com palestras de formação, intervenções artísticas e apresentações musicais de bandas regionais integrando os agentes culturais do estado através do intercâmbio de ideias e atividades – como os agentes do circuito fora do eixo – que produzem cultura e fomentam a cadeia produtiva da música no Rio Grande do Sul e no Brasil (Satolep..., *online*)

Em atividades como essas, outra pauta é apresentada. Diferente das reivindicações majoritárias da cidade, por restauração e recuperação de prédios históricos, projetos de incentivo ao turismo e eventos como o carnaval e a feira do livro, estão em voga o resgate de culturas que, ao longo dos anos, foram sendo relegadas ao esquecimento. Assim, ocupam essa agenda as discussões sobre o papel da mulher na sociedade, sobre a exploração do negro, sobre o preconceito contra os homossexuais, sobre a falta de políticas sociais, sobre as manifestações de arte da periferia, dentre outras mais.



ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES



Figura 9: Cartaz do Festival da Cultura Feminina
Fonte: <http://satolepcircus.blogspot.com.br/>

Esta expressão, utilizada em tom nostálgico por Vitor Ramil para referir-se a sua cidade natal, caiu no uso comum como a representação do avesso, da outra Pelotas, a que não é divulgada na mídia, não é contada nos livros de História, nem nos de histórias. Satolep é a cidade alternativa para aqueles que buscam uma realidade diferente para Pelotas.

A expressão é utilizada frequentemente também para nomear *blogs* e *sites*, para representar atividades e instituições marginais, que buscam estabelecer algum diferencial no mercado e veicular uma mensagem diferente da do circuito oficial.

Não se pretende afirmar que, ao criar o termo Satolep, Vitor Ramil pretendesse propor uma nova versão da história de Pelotas. Porém, sendo um sujeito permanentemente em busca de alternativas, de uma nova estética, o qual rompe com a lógica do mercado cultural brasileiro e produz obras em parceria com músicos platinos e com ritmos e arranjos experimentais, Vitor acaba por tornar-se, de certo modo, representante de uma vertente ideológica. A expressão Satolep, a ideia do contrário, parece ter servido perfeitamente como título a uma matriz cultural que não se sente parte de uma cidade esplendorosa.

Enquanto que o termo Satolep faz referência a uma cidade ficcional, um espaço geográfico nebuloso, frio e úmido, portador de memórias e segredos, com a expressão Princesa do Sul, a cidade é personificada como uma moça jovem e bela.

Comum entre os pelotenses também é certa inclinação obstinada a condecorações, recebimento de brasões, troféus e títulos de nobreza. Toda instituição, seja escola, Centro de



Tradição Gaúcha, escola infantil, instituição de caridade e, principalmente, os clubes sociais, tem que ter suas cortes: são as rainhas e princesas da Primavera, do Verde, das Piscinas, do Carnaval, dentre muitos outros. Na grande maioria dos casos, o título não é alcançado por júri tendo como quesito a beleza ou a simpatia, a desenvoltura da(o) candidata(o), mas a venda de votos ou a influência e o poder aquisitivo para adquirir fantasias, no caso do Carnaval, ou custear viagens e representar a instituição adequadamente.



Figura 12: Rainha (à esquerda) e princesa (à direita) do Clube Brilhante de 2011. No centro, a rainha de 1934.

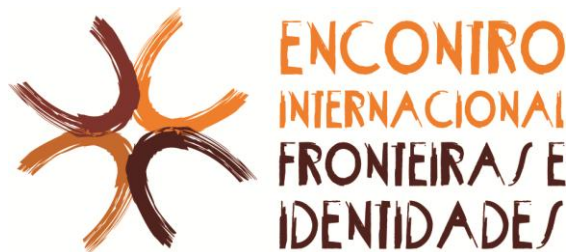
Fonte: <http://migre.me/bIzB9>

A esta parcela da população cabe perfeitamente uma identificação cultural com as características de uma cidade princesa, a Princesa do Sul. Portanto, não faria sentido, como afirma Stuart Hall (1997), buscar entre os cenários analisados qual é capaz de representar a “verdadeira” cidade de Pelotas, “visto que ambos são ‘verdadeiros’, no sentido de que representam certos elementos históricos e da atualidade que foram de fato significativos na constituição” (Ibid., p. 7) da cidade, de seu imaginário e de sua identidade.

Considerações finais

Partindo da premissa de que não há nenhuma verdade a ser descoberta, foram desenvolvidas algumas reflexões no intuito de delinear e problematizar alguns discursos estabelecidos. Não se pretendeu, a partir dessa reflexão, chegar a uma resposta, um conceito, um modo correto de ser pelotense ou de compreender a cidade. Busca-se chamar a atenção para os impactos das diversas identidades que coexistem na cidade de Pelotas, haja vista a posição de quem detém o discurso e de quem é subjetivado pelo mesmo.

Como afirma Foucault (2007, p. 37), “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”. Essas questões



ENCONTRO
INTERNACIONAL
FRONTEIRAS E
IDENTIDADES

demonstram o quanto é relevante e urgente a reflexão acerca de como o saber organiza-se para atender o poder. Não a um núcleo de poder unívoco e objetivo, mas a um tipo de poder que se distribui capilarmente e está presente em todas as esferas, aquele que Foucault (1996) chamou de micropoder, seja ele implícito nas falas dos governos, nos discursos da academia, na maneira como as políticas públicas da educação e da cultura são propostas e encaminhadas, ou na prática diária de professores enquanto interlocutores do discurso oficial.

Parafraseando Martin Jacques (1997 apud Hall, 1997, p. 7), podemos dizer que há pelo menos duas histórias de Pelotas. Uma fala de um passado de riqueza e de prosperidade, de opulência e de cultura, de grandes homens e de seus feitos memoráveis; a outra apresenta um centro econômico que se ergueu a partir da exploração da mão de obra escrava, da ostentação e da luxúria, de uma clara separação entre trabalhadores/empregados sem acesso à educação e à cultura, e de ricos/proprietários de terras que enviavam seus filhos para estudar no exterior, ou no centro do país, que tinham acesso à literatura, à música erudita, ao conhecimento de línguas, entre outros saberes. Ambas existem na psique da cidade, ambas são partes autênticas do que somos, mas elas levam a compreensões distintas: uma oficial e convencional e a outra não oficial e subterrânea.

Nesse sentido, ao trazer para a análise duas produções artísticas que originaram termos os quais passaram a representar duas culturas que conflitam pelo poder e pela “verdade” em relação à cidade de Pelotas, pretendeu-se contribuir com os estudos sobre o poder da linguagem na constituição de realidade.

REFERÊNCIAS

A VENTAROLA. Pelotas, 3 fev. 1889.

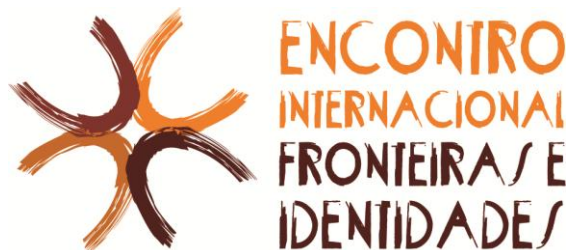
CASTRO, Euclides Franco de. **Revista Princesa do Sul**, 1951. Pelotas.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções do nosso tempo, 1997. Disponível em: <http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2012.

KLEITON & KLEDIR. Pelotas. In: **Autorretrato**. Rio de Janeiro: Som Livre, 2009. Faixa 7, 3min 34s.



KOSLOWSKY, Marcelo; PICCOLI, João Carlos Jaccottet. Manifestações esportivas na Cidade de Pelotas: 1835 - 1935. **efdeportes** - Revista Digital, Buenos Aires, Ano 9, n. 64. Set. 2003. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd64/pelotas.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

LEÓN, Zênia de. **Pelotas**: sua História e sua gente: para 1º e 2º graus. Pelotas: Ed. Universitária/ UFPel, 1996.

LOPES, Luiz Simões. Prefácio à segunda edição. In: OSÓRIO, Fernando. **A Cidade de Pelotas**. 3.ed., rev. Pelotas: Armazém Literário, 1997. (Coleção Cidade de Pelotas, dois volumes)

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Ed. Universitária/ UFPel; Livraria Mundial, 1993.

MAGALHÃES, Mário Osório. Análise Carnaval 2012. Diário Popular, **Opinião**. 12 jan. 2012.

O BRADO DO SUL. Pelotas, 6 jan. 1860.

OSÓRIO, Fernando. **A Cidade de Pelotas**. 3.ed., Revista. Pelotas: Armazém Literário, 1997. (Coleção Cidade de Pelotas, dois volumes)

RAMIL, Vitor. Satolep. In: **A paixão de V segundo ele próprio**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1984a. Faixa 1, 6min 56s.

RAMIL, Vitor. A paixão de V segundo ele próprio. In: **A paixão de V segundo ele próprio**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1984b. Faixa 20, 4min 1s.

RAMIL, Vitor. Joquin. In: **Tango**. Rio de Janeiro: João Augusto, DECK - Produções, 1987. Faixa 4, 8min 28s.

RAMIL, Vitor. **Pequod**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

RAMIL, Vitor. A Estética do Frio. In: Fischer, Luís Augusto (Org.). **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992, p. 262-270.

RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo: Cosacnainy, 2008.

SATOLEP CIRCUS. Disponível em: <<http://satolepcircus.blogspot.com.br/>>. Acesso em 25 jul. 2012.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Rotary Club**: *habitus*, estilo de vida e sociabilidade. São Paulo: Annablume, 2004.

SILVA, Antônio Soares da. Pelotas, 1863 In: IBGE. 1959. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 34.